

DIFICULDADES DOS PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE DOM INOCÊNCIO – PI, PARA TRABALHAR COM ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA- TEA

CHALLENGES FACED BY TEACHERS IN THE DOM INOCÊNCIO MUNICIPAL EDUCATION SYSTEM—PI—IN WORKING WITH STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

DIFICULTADES DE LOS PROFESORES DE LA RED MUNICIPAL DE EDUCACIÓN DE DOM INOCÊNCIO (PI) A LA HORA DE TRABAJAR CON ALUMNOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Marivalda Brandão Ramos de Sousa¹

Maria Betânea Oliveira Ferraz²

Anna Flora de Novaes Pereira³

Kassielly Raimunda Dias da Silva⁴

Itamar Soares Oliveira⁵

Ane Alice dos Santos⁶

Sheilla Dayanne Dias da Silva⁷

RESUMO: O aumento significativo do número de diagnósticos de crianças com Transtorno do Espectro Autista-TEA, faz com que a escola esteja preparada para receber e incluir as/os estudantes, de modo que aprendam e se desenvolvam integralmente. Dessa maneira, surge a problemática: as/os docentes e profissionais da educação estão preparadas/os para trabalhar com estes estudantes? Diante dessa questão, este trabalho teve como objetivo analisar as dificuldades das/dos professoras/es da rede municipal de educação de Dom Inocêncio-PI, para trabalhar com crianças autistas. A pesquisa é de abordagem qualitativa, e os dados foram analisados com base na análise de conteúdo categorial de Bardin (2016). A produção dos dados e das informações se constituíram por meio de formulários do Google Forms, e enviados via WhatsApp para cinco docentes da rede Municipal de Educação de Dom Inocêncio-PI. Com as respostas obtidas, foi possível identificar uma grande dificuldade de professoras/res que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental em trabalhar com crianças que apresentam o transtorno do espectro autista, ficando evidente que estas/estes não se sentem preparadas/dos pedagogicamente. Foi possível também, por meio das respostas afirmar que a inclusão não acontece na prática, apontando para uma emergente necessidade de formação continuada para as/os docentes da rede.

Palavras-chave: Autismo. Educação. Formação docente. Formação continuada.

¹ Professora da Rede Municipal de Educação de Dom Inocêncio - PI.

² Mestre em Educação Científica e Formação de Professores. Professora Assistente do Colegiado de Ciências da Natureza - Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

³ Doutora em Biologia Vegetal. Professora Associada I do Colegiado de Ciências da Natureza, Campus Serra da Capivara, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

⁴ Mestre em Ensino das Ciências. Professora Assistente do Colegiado de Ciências da Natureza - Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

⁵ Doutor em Educação. Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

⁶ Licencianda em Ciências da Natureza. Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

⁷ Graduada em Ciências da Natureza. Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

ABSTRACT: The significant increase in the number of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) means that schools must be prepared to welcome and include these students so that they can learn and develop to their full potential. This raises the question: Are teachers and education professionals prepared to work with these students? In light of this issue, the objective of this study was to analyze the challenges faced by teachers in the municipal school system of Dom Inocêncio, Piauí, when working with autistic children. The study employed a qualitative approach, and the data were analyzed using Bardin's (2016) categorical content analysis. Data and information were collected via Google Forms and sent via WhatsApp to five teachers in the municipal education system of Dom Inocêncio, Piauí. Based on the responses received, it was possible to identify significant difficulties faced by teachers working in the early grades of elementary school when working with children with autism spectrum disorder, making it evident that these teachers do not feel pedagogically prepared. The responses also confirmed that inclusion does not occur in practice, pointing to an emerging need for continuing professional development for teachers in the system.

Keywords: Autism. Education. Teacher Training.

RESUMEN: El aumento significativo del número de diagnósticos de niños con trastorno del espectro autista (TEA) hace que la escuela deba estar preparada para acoger e incluir a estos alumnos, de modo que puedan aprender y desarrollarse de forma integral. De este modo, surge la siguiente cuestión: ¿están preparados el profesorado y los profesionales de la educación para trabajar con estos alumnos? Ante esta cuestión, el presente trabajo tuvo como objetivo analizar las dificultades a las que se enfrentan los profesores de la red municipal de educación de Dom Inocêncio (PI) a la hora de trabajar con niños autistas. La investigación tiene un enfoque cualitativo, y los datos se analizaron basándose en el análisis de contenido categórico de Bardin (2016). La recopilación de datos e información se llevó a cabo mediante formularios de Google Forms, que se enviaron a través de WhatsApp a cinco docentes de la red municipal de educación de Dom Inocêncio (PI). A partir de las respuestas obtenidas, se pudo identificar una gran dificultad por parte de los docentes que trabajan en los primeros cursos de la educación primaria a la hora de trabajar con niños que presentan un trastorno del espectro autista, quedando patente que no se sienten preparados desde el punto de vista pedagógico. Asimismo, a partir de las respuestas se pudo afirmar que la inclusión no se lleva a la práctica, lo que pone de manifiesto una necesidad emergente de formación continua para el profesorado de la red.

Palabras clave: Autismo. Educación. Formación del profesorado.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetiva levantar as dificuldades das/dos professoras/es da rede municipal de educação de Dom Inocêncio-PI, para trabalhar com crianças que apresentam o Transtorno do Espectro Autista (TEA). A ampliação do acesso de estudantes com TEA às escolas evidencia a necessidade de práticas pedagógicas que assegurem não somente a matrícula, mas a sua participação, aprendizagem e desenvolvimento integral. O TEA compreende alterações relacionadas ao neurodesenvolvimento, com manifestações diversas na comunicação, na interação social e no comportamento, razão pela qual cada estudante apresenta necessidades e potencialidades próprias (Brasil, 2022). Nesse contexto, a escola é chamada a rever concepções e estratégias para acolher as diferenças e garantir a escolarização a partir de ações efetivamente inclusivas.

Essa inclusão, entretanto, não se limita à presença física do educando na sala de aula e no espaço escolar. Ela pressupõe e quer mudanças na perspectiva educacional que deve alcançar toda a comunidade escolar, uma vez que beneficia os estudantes com deficiência ou dificuldades de aprendizagem e os demais alunos (Mantoan, 2015). Para concretizá-la, professoras/es precisam de recursos, apoio institucional e pedagógico, além de formação continuada para planejar aulas adequadas às singularidades dos estudantes. Bezerra (2013) destaca o papel fundamental da escola e da/do professor no percurso educacional do estudante com autista, tornando indispensável compreender os desafios vivenciados por esses profissionais durante o processo de ensino e aprendizagem.

Na rede municipal de educação de Dom Inocêncio, no estado do Piauí, o aumento do número de estudantes matriculadas/os com TEA suscitou inquietações acerca das limitações e possibilidades do trabalho docente: a formação recebida, as estratégias utilizadas e as dificuldades sentidas por estes profissionais. Embora o direito à educação inclusiva esteja reconhecido em lei, sua efetivação depende de ações articuladas que considerem as condições locais e as experiências das/dos professoras/es.

Diante dessa realidade, surge a pergunta: as/os professores da rede municipal de educação de Dom Inocêncio-PI estão preparados/as para trabalhar com esses estudantes? A investigação é relevante por dar visibilidade às experiências docentes e oferecer elementos para ações de formação continuada e políticas educacionais no município.

3

Para que fosse possível fazer este estudo a esse respeito, a pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, que valoriza processos, fazendo deste um importante mecanismo para o estudo. Conforme Chizzotti (2017, p. 98), “A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, [...]”. Dessa maneira, elegemos essa abordagem para melhor discutir sobre o tema por entendermos que melhor se adequa ao trabalho. Desse modo, os dados foram produzidos por questionário aplicado a docentes da rede municipal e analisados a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), articulando TEA, inclusão escolar e formação docente às dificuldades relatadas.

2 METODOLOGIA

As informações e os dados foram coletados a partir do formulário *Google Forms* e enviados pelo WhatsApp das/dos docentes participantes. O critério de seleção foi ser professora/professor da rede municipal de Ensino de Dom Inocêncio – PI, que ministra aulas

para crianças do 1º ao 5º ano. Após o contato com a/o docente, o link do questionário foi encaminhado para ser respondido, sendo as respostas gravadas no drive do e-mail.

O trabalho contou com a participação voluntária de 04 (quatro) professoras/professores que trabalham em escolas municipais de Dom Inocêncio - PI e que aceitaram responder o questionário por meio do *Google Forms*. A autorização para participar da pesquisa foi legitimada por meio da assinatura do Termo de Consentimento. As/Os participantes da investigação tiveram as suas identidades preservadas considerando que as respostas foram encaminhadas de forma anônima.

O questionário foi elaborado com questões direcionadas às/aos professoras/es da Rede Municipal de Ensino Dom Inocêncio - PI, o que possibilitou respostas que contribuíram para análise e atendimento à questão norteadora.

As informações e os dados foram analisados com base no Processo de Categorização de Bardin (2016, p. 147), seguindo a ordem: “a pré-análise, a exploração do material, e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”, buscando identificar o que está por trás dos termos nos quais o investigador se prende para obter os dados esperados, onde as palavras-chaves serão identificadas e em seguida categorizadas, a fim de obtermos as respostas esperadas (BARDIN, 2016).

4

Com base em Chizzotti (2017, p. 120), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. Portanto, por meio da análise de conteúdo foi possível categorizar e discutir a respeito do tema abordado.

A escolha do tema da pesquisa se deu pelo aumento da quantidade de laudos médicos apresentados por estudantes matriculadas/os com TEA em um curto espaço de tempo. Diante disso, indaga-se: as/os docentes e profissionais da educação estão preparadas/os para trabalhar com estes estudantes?

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O Ministério da Saúde conceitua transtorno do espectro autista, como sendo:

um distúrbio caracterizado pela alteração das funções do neurodesenvolvimento, que podem englobar alterações qualitativas e quantitativas da comunicação, seja na linguagem verbal ou não verbal, na interação social e do comportamento, como: ações repetitivas, hiperfoco para objetos específicos e restrição de interesses. Dentro do espectro são identificados graus que

podem ser leves e com total independência, apresentando discretas dificuldades de adaptação, até níveis de total dependência para atividades cotidianas ao longo de toda a vida, (Brasil, 2022).

Portanto, falar de autismo, é ainda algo desafiador, levantando uma série de inquietudes e dificuldades de entender e conviver com autistas. Com relação às/aos educadoras/es, inicialmente é necessário conhecer o “problema”, para depois adotar medidas e buscar formação para contribuir no desenvolvimento e aprendizagem das/dos estudantes com TEA. Bezerra (2013, p. 247), afirma que “a escola e o professor têm papel fundamental no processo educacional da vida de qualquer pessoa e, em se tratando de crianças autistas, isso não é diferente”. Para que de fato ocorra a inclusão de crianças que apresentam o espectro autista, é preciso que professoras/es e profissionais da educação tenham formação para tal.

O processo educativo é complexo e exige da/do docente a compreensão dessa complexidade. De acordo com Bezerra (2013, p. 245) “A escola tem um papel importantíssimo a desempenhar dentro do contexto social da educação inclusiva, que objetivamente está marcado por sérias conturbações, dúvidas, relativismos, medos, etc.”. Portanto, é na escola que de maneira direta ou indireta está a esperança de alcançarmos uma sociedade mais justa e inclusiva.

Para que isso aconteça, é imprescindível os estudantes não sejam apenas matriculados como forme de cumprir as orientações legislativas, mas sejam incluídos a partir de ações que efetivem a participação equitativa de todos, sem exceção. Nessa perspectiva, Mantoan (2015) discute que não cabe ao estudante se adaptar a escola e as limitações que está e seus profissionais possam ter, a própria organização escolar precisa rever práticas, currículo, metodologias e formas de avaliação pensando nas especificidades dos sujeitos ali presentes. Nesse cenário, uma peça chave e linha de frente quando se trata de inclusão escolar, estão as/os professores.

Prado e Mól (2024) explicam que os principais impactos na formação de professores, assim como as políticas públicas no Brasil quando se trata de educação inclusiva, é permeada por instabilidades, que impactam diretamente a formação desses profissionais e que ainda impacta fortemente sua formação e atuação, uma vez que veem neles a principal responsabilidade pela inclusão, sem ofertar muitas orientações, formações e recursos didáticos. Apesar dos desafios, os autores constataram que a partir de 2023, influenciado por uma nova gestão, alguns avanços foram identificados, principalmente em espaços de atendimento especializado, tal como a sala voltada para Atendimento Educacional Especializado (AEE), que conta com um professor especializado nos contraturnos. Um passo importante, mas ainda sem um olhar atento para a sala de aula regular.

Segundo Mantoan (2015) a atuação docente tem função fundamental na construção de uma educação inclusiva, é ele quem organiza e põe em prática as atividades e situações voltadas para o processo de ensino e aprendizagem, assim como é ele que acompanha o desenvolvimento dos estudantes. No entanto, não deve ser atribuído a ele, exclusivamente a responsabilidade pela inclusão dos alunos nesse processo. Para desenvolver práticas inclusivas, é imprescindível que professores/as tenham acesso a uma formação contínua, recursos pedagógicos, apoio institucional, disponibilidade de recursos pedagógicos e condições adequadas de trabalho. No caso da escolarização de estudantes com TEA, as dificuldades vivenciadas pelos/as docentes também evidenciam a necessidade de formação continuada relacionada a desafios concretos da sala de aula (Camargo, *et al.*, 2020).

Nesse sentido, para que o/a docente possa desenvolver práticas alinhadas a um ensino inclusivo, não é suficiente demonstrar disposição para acolher estudantes com TEA, embora seja muito importante. É necessário que tenha acesso a conhecimentos teóricos e metodológicos que podem ser garantidos a partir da formação continuada. Além disso, o processo de inclusão requer que o/a docente reflita constantemente sobre sua prática e o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que vem sendo implementadas para fins inclusivos. Essa perspectiva é reforçada por Bortoli et al., (2025), ao destacarem que a formação continuada é condição essencial para que os professores avancem na construção de práticas inclusivas, de modo entender e trabalhar suas dificuldades e desafios.

6

Para que ocorra inclusão escolar, é imprescindível preparar as/os profissionais da educação, pois “a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge somente os alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais”, (Mantoan, 2015, p. 28). Por isso, é necessário que ocorra uma reestruturação na educação brasileira, para que de fato ocorra a inclusão educacional.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das orientações de Bardin (2016), para a análise de dados, as categorias emergiram a partir das respostas do formulário aplicado. Dessa maneira foram extraídos dos dados seis categorias, sendo:

a) Ensino e Aprendizagem do aluno com TEA

Quadro 1 - Dificuldades frente ao processo de ensino e de aprendizagem da/do aluno com TEA em Dom Inocêncio-PI

P ₁	<i>Turma muito grande.</i>
P ₂	<i>Muitas, pois não tenho nenhuma capacitação na área</i>
P ₃	<i>Falta de uma preparação mais específica para lidar com esse tipo de aluno.</i>
P ₄	<i>A inquietação dos estudantes.</i>
P ₅	<i>Não saber lidar com alguns comportamentos apresentados em sala de aula e a carência de uma parceria por parte da família, que por sua vez, deixa a responsabilidade somente para escola.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa (2023). **Nota:** Organizado pelas próprias autoras.

Os dados do quadro 1, mostram que turmas grandes e a falta de capacitação docente, é ainda um grande problema a ser sanado, para que se consiga de fato, a inclusão. Nesse sentido, “a inclusão de alunos com TEA na rede regular de ensino causa um desconforto nos professores que se veem sem saber como lidar com as dificuldades e as formas de ser”, (Camargo *et al.*, 2020, p. 13). O que pode causar prejuízos no processo de aprendizagem dos estudantes com TEA, pois, “a sua integração na rede de ensino regular, pública ou privada é fundamental para seu desenvolvimento cognitivo, valorizando suas habilidades específicas”, (Silva *et al.*, 2023, p. 95). Portanto, é necessário que as instituições de ensino trabalhem para que haja inclusão na prática de estudantes que apresentam TEA. O que implica uma parceria entre escola-família, como menciona o P₅.

7

b) Autoavaliação do trabalho pedagógico com estudantes que apresentam TEA

Quadro 2 - Respostas das/dos docentes com relação a sua autoavaliação com relação estarem ou não preparados pedagogicamente.

P ₁	<i>Regular.</i>
P ₂	<i>Eu considero-me neutra.</i>
P ₃	<i>Eu busco me esforçar o bastante para lidar com esses alunos, mas não me sinto completamente preparado para trabalhar com esse público, principalmente na parte da metodologia de ensino.</i>
P ₄	<i>-----</i>
P ₅	<i>[...] necessito de uma formação mais ampla, urgentemente.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa (2023). **Nota:** Organizado pelas próprias autoras.

Com relação a avaliação que as/os docentes fizeram de suas próprias práticas pedagógicas, um das/dos cinco profissionais, respondeu que se avalia como regular; um disse ser neutro; um não explanou sobre o assunto e dois disseram que não tem preparação, por mais que se esforcem. “A autoavaliação também é importante, porque implica na percepção do docente sobre quais os seus pontos fracos e fortes para a retomada de novos caminhos mais eficazes”, (Magalhães *et al.*, 2017, p. 1040). Corroborando com a afirmação, Mantoan (2015, p. 15-16), afirma que:

Precisamos ressignificar o papel da escola com professores, pais e comunidades interessadas e instalar, no seu cotidiano, formas mais solidárias e plurais de convivências. São as escolas que têm de mudar e não os alunos, para que estes tenham assegurado o direito de aprender, de estudar nelas! O direito à educação é indisponível e natural, não admitindo barganhas.

Portanto, a mudança precisa começar pela formação das/dos docentes, perpassando pela família e sociedade, pois, só a/o professora/r não consegue sanar os impasses que impedem de a inclusão ser eficiente.

c) Experiência de trabalhar com aluna/o com TEA na sala de aula

8

Quadro 3 - Respostas das/dos professoras/es com relação as suas experiências com estudantes que apresentam o transtorno do espectro autista

P1	<i>Desafiadora.</i>
P2	<i>Muito frustrante.</i>
P3	<i>É um desafio prazeroso, onde o educador aprende bastante com esses alunos.</i>
P4	<i>Muito complicado, até porque, são casos diferentes e com atitudes diferentes também. A interação com os demais atrapalha muito o teor da aula.</i>
P5	<i>Sem dúvida, desafiador, mas ao mesmo tempo de muito aprendizado. É através da convivência que vamos aprendendo como lidar com eles em muitas situações. É a experiência que nos motiva a querer buscar mais informações para compreender melhor as complexidades do Autismo.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa (2023). **Nota:** Organizado pelas próprias autoras.

d) Conceito de educação inclusiva

Quadro 4 - Respostas das/dos docentes em relação ao conceito de educação inclusiva

P1	<i>Proporcionar um espaço harmonioso, de modo que todos sejam incluídos nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.</i>
P2	<i>Precisa de mais pessoas capacitadas.</i>
P3	<i>No meu ponto vista a educação inclusiva deve ser acima de tudo a garantia de qualidade de ensino de cada um de seus alunos respeitando a diversidade e respondendo cada um de acordo com suas capacidades.</i>
P4	<i>Muito escassez, aqui na escola que eu trabalho.</i>
P5	<i>Direito que garante uma educação de qualidade a todos, sem excessão, reconhecendo e respeitando a diversidade.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa (2023). **Nota:** Organizado pelas próprias autoras.

Com relação a pergunta, se a educação inclusiva funciona na prática, as/os cinco participantes responderam que não. Ou seja, é evidente que a/o docente não se sente preparada/o para trabalhar com estudantes com TEA, não sabem lidar com esta/este estudante de modo que se desenvolvam de maneira integral. Por isso, é necessário reestruturar principalmente os cursos de formação de professoras/es, “formar professor na perspectiva da educação inclusiva implica ressignificar o seu papel, o da escola, o da educação e o das práticas pedagógicas usuais do contexto excludente do nosso ensino, em todos os níveis”, (Mantoan, 2015, p. 81).

9

e) Formação para trabalhar com TEA

Quadro 5 - Respostas das/dos professoras/es, quando questionadas/os se consideram a formação que têm suficiente para trabalhar com TEA

P1	<i>Não.</i>
P2	<i>Não, porque não sou capacitada na área.</i>
P3	<i>Não.</i>
P4	<i>Ninguém, incluindo a família nunca tem essa preparação, pois há muito variação conforme as fases de cada um.</i>
P5	<i>Com certeza, não.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa (2023). **Nota:** Organizado pelas próprias autoras.

Diante das respostas obtidas é importante que o município de Dom Inocêncio – PI, ofereça com urgência capacitações para as/os professoras/es da rede, uma vez que a/o estudante

com TEA, necessita de uma inclusão efetiva. A esse respeito, Mantoan (2015, p. 81) coloca que: “o professor de educação infantil e de ensino fundamental I e os licenciados, além da formação em serviço nas escolas, carecem de uma formação em educação inclusiva[...]”. Da Silva *et al.* (2023, p. 95),

tendo em vista as dificuldades dos professores, que não se encontram devidamente qualificados para tal função para atender a criança em suas especificidades. Assim sendo, faz-se necessário estudar melhores caminhos para capacitar o professor para que se possa oferecer uma educação significativa para as crianças com TEA.

Contudo, é possível apontar uma imprescindível formação docente da rede municipal, bem como formação continuada em esfera nacional a respeito de formação visando a inclusão de estudantes com TEA.

f) De acordo com sua vivência em sala de aula, o que a/o docente de Dom Inocêncio - PI precisa para trabalhar com crianças com TEA

Quadro 6 - Respostas das/os docentes de Dom Inocêncio - PI quando questionados do que precisam para trabalhar com crianças com TEA

P1	<i>Participar de formações nessa área.</i>
P2	<i>Capacitações.</i>
P3	<i>Acredito que deveria realizar uma formação mais específica com os docentes selecionados para trabalhar esse público.</i>
P4	<i>Praticamente tudo teoria e prática.</i>
P5	<i>Precisa de mais capacitação profissional pra que possa ter mais segurança e desenvolver melhor seu trabalho.</i>

10

Fonte: Dados da Pesquisa (2023). **Nota:** Organizado pelas próprias autoras.

Os resultados obtidos apontam para uma necessidade das/dos profissionais receberem formações específicas para trabalharem com alunas/os com Transtorno do Espectro Autista, ou seja, que tenham formação continuada para lidar com as dificuldades que circundam a educação brasileira em todas as esferas. A esse respeito, Ferraz e Macedo (2023, p. 100), acrescentam que:

Uma formação docente de qualidade é indispensável para o bom desempenho das aulas. Assim, em um país em que a estruturação da educação é precária e cheia de impasses, é imprescindível refletir sobre a formação de professores como umas das alternativas importantes e necessárias para a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem.

Portanto, o sistema educacional brasileiro precisa investir em formação docente e oferecer às/aos professoras/es suporte estrutural para que possam desenvolver seu trabalho com qualidade, de modo que a responsabilidade pela promoção da inclusão não recaia exclusivamente sobre as/os docentes.

5 CONSIDERAÇÕES

Este trabalho teve como objetivo levantar as dificuldades das/dos professoras/es da rede municipal de educação de Dom Inocêncio-PI, para trabalhar com crianças autistas. Considerando que o tema rende muitos outros trabalhos, e tampouco seria possível discutir de maneira mais ampla em um único artigo um tema relevante e necessário, o presente artigo serve de base para desenvolver muitos outros a respeito do assunto.

É possível afirmar com base nos dados e nas informações que as/os professoras/es da rede municipal de Dom Inocêncio-PI não estão preparadas/dos pedagogicamente para trabalhar com alunas/os com TEA. Relataram necessitar de formação sobre o assunto, bem como a necessidade de estabelecer parceria com as famílias das/dos estudantes com TEA. Mantoan (2015, p. 16), afirma que “a perspectiva de formar uma nova geração dentro de um projeto educacional inclusivo, é fruto do exercício diário da cooperação, da colaboração, da convivência, do reconhecimento e do valor das diferenças[...]”.

II

Foi possível constatar também que a inclusão não acontece no chão da escola, pois as instituições de ensino recebem as/os estudantes, matriculam, mas não conseguem lidar com o que se chama de diferente, ou deficiente, ficando estes sem conseguirem se desenvolver dentro das suas potencialidades, impossibilitando que de fato desenvolvam suas habilidades. Contudo, com a parceria entre educadoras/es, famílias e sociedade, é possível enfrentar os desafios, possibilitando a inclusão.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Ed. 70, 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. **TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 01 dez. 2023.

BEZERRA, Tiago Lopes. Educação inclusiva e autismo: a educação física como possibilidade educacional. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício**, v. 12, n. 4, p. 244-247, 2013. Disponível em:

<https://convergenceseditorial.com.br/index.php/revistafisiologia/article/view/3340/5296>.

Acesso em: 29 nov. 2023.

BORTOLI, Marlene Valaski et al. A formação continuada dos professores para a inclusão escolar de estudantes com Transtorno de Espectro Autista: entre avanços e problematizações ainda atuais. **Revista Convergência**, v. 18, n. 4, p. 219-236, 2025. Disponível em:

<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/download/17139/9929/48353>

. Acesso em: 05 ago. 2026.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher et al. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em revista**, v. 36, p. e214220, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/6vvZKMSMczy9w5fDqfN65hd/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 12^a ed. São Paulo: Cortez. 2017.

DA SILVA, Ana Giulia da et al. Desafios do professor do ensino regular frente ao processo de ensino e aprendizagem de crianças com transtorno de espectro autista. **REVISTA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO**, v. 8, n. 1, 2023. Disponível em:

anais.unievangelica.edu.br/index.php/pedagogia/article/view/9767/4886. Acesso em: 05 dez. 2023.

12

FERRAZ, Maria Betânea Oliveira; MACEDO, Guadalupe Edilma Licon de. A Escola do Novo Zabelê e a Formação dos Professores que Ensinam Ciências: Um Diálogo entre o Ensino de Ciências e a Comunidade Escolar com Foco no Parque Nacional Serra da Capivara-Piauí. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 88-104, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i1.8139. Disponível em:

<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8139>. Acesso em: 6 dez. 2023.

MAGALHÃES, Célia de Jesus Silva Magalhães; CRUZ, de Jesus Griffith Magalhães; MORAES, Cloves Santos de; SAMPAIO, Lígia Maria Tavares. Práticas inclusivas de alunos com TEA: principais dificuldades na voz do professor e mediador. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, p. 1031-1047, 2017. DOI: 10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10386. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10386>. Acesso em: 6 dez. 2023.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

PRADO, Carolina. Conceição; MÓL, Gerson de Souza Mol. Políticas públicas de educação inclusiva no Brasil (2016-2024): impactos na formação docente. **Revista Internacional de Pesquisa em Didática da Ciência e Matemática**. v. 6, e025010, p. 1-33, 2025. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/revin/article/download/2149/791>

. Acesso em: 05 ago. 2026.